

UM EU TODO RETORCIDO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO POEMA DE SETE FACES

Fernanda Martines de Araújo (UFMS)
fernanda.mmartines@gmail.com

RESUMO

A pesquisa delineada neste trabalho recorrerá a conceitos da semiótica discursiva para apreender princípios organizadores da seção “Um eu todo retorcido”, do livro *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade, considerada uma obra representativa não somente por dispor de uma variedade de poemas, mas também por ser organizada pelo próprio autor, em nove seções. Objetiva-se verificar, a partir do título da seção, elementos comuns presentes no “Poema de sete faces”, por meio, de uma análise semiótica. Busca-se, a partir de um suporte teórico, construir uma reflexão sobre a denominação atribuída pelo poeta à seção e sua correlação com elementos temáticos e figurativos, alicerçando-se, para tanto, em conceitos da semiótica, os quais contribuirão para determinar as características do eu retorcido drummondiano.

Palavras-chave:
Poesia. Semiótica. Literatura.

ABSTRACT

The research outlined in this work will use concepts from discursive semiotics to understand the organizing principles of the section “Um eu todo retorcido” of the book *Antologia Poética*, by Carlos Drummond de Andrade, considered a representative work not only because it has a variety of poems, but also for being organized by the author himself, in nine sections. The objective is to verify, from the title of the section, common elements present in the “Poem of seven faces”, through a semiotic analysis. Based on a theoretical support, the aim is to construct a reflection on the denomination attributed by the poet to the section and its correlation with thematic and figurative elements, basing itself, therefore, on semiotic concepts, which will contribute to determine the characteristics of the twisted drummondian self.

Keywords:
Poetry. Semiotics. Literature.

1. Introdução

Neste trabalho, buscamos analisar a construção semântica e sintática do poema: “Poema de sete faces”, o qual faz parte do livro *Antologia Poética*, de Carlos Drummond de Andrade; como foco, elege-se o campo semântico da despedida interligado ao da paixão, além de se verificar a predominância de um registro enuncivo ou enunciativo; o que se

torna possível pela observação do procedimento de debreagem, define-se, como:

[...] a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem, e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 95)

Nesse sentido, estabeleceu-se uma inter-relação entre os estudos linguísticos e os literários, considerando, com Roman Jakobson, que “um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos” (JAKOBSON, 1969, p. 162).

A partir de tal perspectiva, delineou-se uma metodologia de análise que buscasse verificar a formação dos componentes responsáveis por atribuir literariedade aos textos, ou seja, os procedimentos linguísticos a conferir certo estatuto literário aos textos.

Em paralelo, apresenta-se um levantamento dos elementos lexicais que possuem vínculo com o campo semântico do “ser/sentir do sujeito”, identificando e descrevendo sua relação com demais procedimentos linguísticos que constroem o sentido nos poemas. Nessa abordagem, recorre-se a um conceito semiótico bastante operatório no que se refere à identificação da temática de um discurso, o de *isotopia*, isto é, “a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 74).

2. *Semiótica: o texto e as paixões*

Para a análise inicial dos poemas, verifica-se a existência da predominância de um registro enuncivo ou enunciativo no que se referia ao mecanismo de instauração de actantes, espaços e tempos no enunciado, por meio da observação do procedimento de debreagem.

De acordo com Fiorin (2006), existem dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva; “a primeira é aquela na qual se instalam no enunciado os actantes da enunciação (eu/tu), o espaço da enunciação (aqui) e o tempo da enunciação (agora)”; já a segunda “é aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele), o espaço do enunciado (algueres) e o tempo do enunciado (então)” (FIORIN, 2006, p. 69).

À análise de tais procedimentos, associou-se o estudo dos componentes passionais, considerando o que atesta Fontanille, “a semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos. Ao contrário, considera que os efeitos afetivos ou passionais do discurso resultam da modalização do sujeito de estado” (1995, p. 182).

Como optamos por elaborar a análise conjugando e apresentando não somente os estudos das paixões, mas também os pontos relacionados a eles, a fim de evitar exposição demasiado ampla e descontextualizada da teoria semiótica, os conceitos explorados em cada poema serão explicados no decorrer do texto.

Assim, na sequência, damos início à observação dos poemas escolhidos, transcrevendo-os na íntegra para que o leitor possa melhor acompanhar as considerações feitas.

3. *Análise do Poema de sete faces*

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida
As casas espiam os homens
Que correm atrás de mulheres
A tarde talvez fosse azul
Não houvesse tantos desejos
O bonde passa cheio de pernas
Pernas brancas pretas amarelas
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração
Porém meus olhos

Não perguntam nada
O homem atrás do bigode
É sério, simples e forte
Quase não conversa
Tem poucos, raros amigos
O homem atrás dos óculos e do bigode
Meu Deus, por que me abandonaste
Se sabias que eu não era Deus
Se sabias que eu era fraco
Mundo mundo vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução
Mundo mundo vasto mundo
Mais vasto é meu coração
Eu não devia te dizer

Mas essa lua
Mas esse conhaque
Botam a gente comovido como o diabo

Pela gradação do nível concreto para o abstrato, observa-se o poema, como um texto predominantemente temático. Há primeiramente, o tema do nascimento, indicado pelo uso do advérbio temporal *quando*, juntamente com o verbo *nascer*, conjugado em primeira pessoa do singular *nasci*, ou seja, um tempo enuncivo, o qual faz referência a um sujeito em específico, figurativizado pelo nome “Carlos”; em seguida, tem-se o tema da predestinação figurativizado pela figura “anjo torto”. O uso do adjetivo torto, vem a ser uma metáfora, a partir da qual pode-se identificar a primeira característica do sujeito, o ser *gauche*, uma predestinação implicada pela ordem dada pelo anjo torto *anti-sujeito*, por meio do uso do verbo no imperativo “Vai”. De acordo com o dicionário Petit Robert, o termo significa: “*Qui est de travers, dévié par rapport à une surface plane. Maladroit et disgracieux (gaucherie), embarrassé, malhabile.*” Ou conforme observa Affonso Romano de Sant’ Anna, trata-se de um “indivíduo desajustado, marginalizado, à esquerda dos acontecimentos” (1992, p. 38).

Na segunda estrofe, o uso da personificação no verso “as casas espiam os homens”, compreende-se o termo casas, como conotativo, referente a um sujeito observador, o uso do artigo “os” mostra um distanciamento entre o sujeito e os demais, o pronome relativo *que*, além de retomar o termo homens, especifica a ação desses sujeitos, ou seja, “correr atrás das mulheres”, em continuidade o verso “a tarde talvez fosse azul/não houvesse tantos desejos”, mostra um poder-não-fazer do sujeito levando-o a resignação, ocasionada por sua predestinação em ser *gauche*.

“O bonde passa cheio de pernas / pernas brancas pretas amarelas” a figura das pernas, a qual é repetida, mostra a direção do olhar do sujeito, nesse caso cabisbaixo, juntamente com a paixão do desconforto identificada no verso “para que tanta perna, meu Deus”, o uso do vocativo designa o medo sentido pelo sujeito, o uso da conjunção adversativa nos versos “porém meus olhos / não perguntam nada” mostra a dissimulação, a tentativa do sujeito em esconder seus verdadeiros sentimentos.

“O homem atrás do bigode / é sério, simples e forte/ quase não conversa/tem poucos, raros amigos/o homem atrás dos óculos e do bigode” o advérbio atrás, apresenta as figuras dos óculos e do bigode, como uma máscara, uma proteção, identifica-se assim, o seguinte eixo: ser x não-parecer (segredo), um indivíduo que procura esconder socialmente

as suas características. Identifica-se, a partir dos adjetivos, a recorrência de traços voltados a identidade do sujeito “sério, simples e forte”.

“Meus Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco” a relação intertextual do verso com o texto bíblico, mostra um não-querer-ser no caso fraco, porém juntamente com um não-poder-não-ser, levando-o a paixão da angústia. Paixão que percorre a próxima estrofe, pois ao apresentar a imensidão do mundo, enfatizada pela repetição do termo “mundo”, a angústia é ressaltada, no verso “mais vasto é o meu coração”, assim, os sentimentos do sujeito são apresentados como maiores do que o próprio mundo, tão vasto, que nem a própria rima dá conta de solucionar ou expressar esse excesso de sentimento.

O excesso de sentimentalismo é mais uma vez identificado na estrofe seguinte, pelo uso do termo “comovido”, porém o termo “como o diabo”, expõe uma face irônica do sujeito.

A partir da análise, pode-se verificar a identidade *gauche* como um tema predominante, a predestinação em ser *gauche* é algo que é apresentado nas características do sujeito, como também pelas suas experiências e sentimentos. É válido recorrer a um conceito semiótico bastante operatório no que se refere à identificação da temática de um discurso, o de *isotopia*, isto é, “a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 74).

No poema a isotopia está voltada as características do sujeito e as figuras, “do anjo torto, Carlos, sério, simples, forte, fraco, óculos e bigode”, reforçam a aparência desse sujeito, já as figuras das “pernas e Deus”, mostra um sujeito ensimesmado e com olhar cabisbaixo, a figura Deus, vem a mostrar a busca por socorro, para a solução dos medos, como também expor a sua angústia.

Assim, pode-se chegar a partir do tema do poema, a identidade *gauche*, expressada em um sujeito plural, chegando à oposição torto vs reto. O sujeito faz conjunção com o torto e disjunção do reto (comum). Com relação a sintaxe modal, identifica-se um querer-ser (desejável) ser reto, porém há um não-poder-ser, por conta de sua predestinação em ser *gauche* implicada pela ordem do anjo torto, provocando-lhe o sentimento de angústia e amargura. Com relação ao título da seção, o poema está inserido na seção intitulada “Um eu todo retorcido” o termo retorcido, nesse caso, tem o sentido de arrevesado, ou seja, colocado ao avesso, o ser *gauche* do poema, logo, ser contrário, ser esquerdo, é estar ao avesso.

4. Considerações finais

No poema, a isotopia está voltada as características do sujeito e as figuras, “do anjo torto, Carlos, sério, simples, forte, fraco, óculos e bigode”, reforçam a aparência desse sujeito, já a figuras das “pernas”, mostra um sujeito ensimesmado e com olhar cabisbaixo, a figura Deus, vem a mostrar a busca por socorro, para a solução dos medos, como também expor a sua angústia.

Assim, pode-se chegar a partir do tema do poema, a identidade *gauche*, expressada em um sujeito plural, chegando à oposição semântica torto *vs* reto. O sujeito faz conjunção com o torto e está disjunto do reto (do comum). Com relação a sintaxe modal, identifica-se um querer-ser (desejável) ser reto, porém há um não-poder-ser, por conta de sua predeterminação em ser *gauche* essa implicada pela ordem do anjo torto. Além disso, as características do poema fazem jus ao seu pertencimento a primeira seção intitulada “Um eu todo retorcido” da Antologia Poética de Drummond.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia Poética*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1985.